



Associação Propagadora Esdeva
 Centro Universitário Academia - UniAcademia
 Curso de Psicologia
 Artigo

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE SELF NA PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG¹

Paulo Bonfatti²
 Jorge Gomes Júnior³
 Manuela Emiliano Blanco⁴
 Rosane Martins Xavier⁵
 Verônica Calderano Rezende⁶

RESUMO:

Esse artigo é resultado de estudos e trocas de saberes desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (Uniacademia). Este grupo é composto por discentes, egressos, profissionais, pesquisadores e alunos de outras instituições, com intuito aprofundar seus conhecimentos sobre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. O tema a ser tratado será o Self que é considerado um importante conceito na teoria junguiana. Através de uma revisão bibliográfica, tem-se como objetivo compartilhar e fomentar algumas reflexões em relação ao Self assim como ampliar e organizar as discussões realizadas no grupo e, também, fomentar a divulgação dessa teoria psicológica.

Palavras-chave: Self. Arquétipo. Jung. Psicologia Analítica.

BRIEF CONSIDERATIONS ON THE SELF CONCEPT IN CARL GUSTAV JUNG'S PSYCHOLOGY

ABSTRACT:

This article is the result of studies and exchanges of knowledge developed by the Jungian Studies Group of the Centro Universitário Academia (Uniacademia). This

¹ Esse artigo foi elaborado pelo Grupo de Estudos Junguianos que conta com o apoio do Centro de Extensão e Pesquisa do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

² Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, psicólogo, professor e coordenador do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

³ Psicólogo e membro do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

⁴ Graduanda em psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

⁵ Graduanda em psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

⁶ Graduanda em psicologia e membro do Grupo de Estudos Junguianos do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).

group is composed of students, graduates, professionals, researchers and students from other institutions, in order to deepen their knowledge of Analytical Psychology by Carl Gustav Jung. The theme to be addressed will be the Self, which is considered an important concept in Jungian theory. Through a bibliographic review, the objective is to share and encourage some reflections in relation to the Self as well as to expand and organize the discussions held in the group and, also, to promote the dissemination of this psychological theory.

Key words: Self. Archetype. Jung. Analytical Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875 em Kesswil, na Suíça, mudando anos mais tarde para a Basileia, onde cresceu e concluiu seus estudos no curso de Medicina, direcionando para a área da psiquiatria. Em 1900, ao concluir sua formação, Jung deixa Basileia para ocupar o cargo de segundo assistente no Hospital Burghölzli, de Zurique (SILVEIRA, 1981), construindo uma carreira acadêmica e clínica trabalhando ao lado do diretor Eugen Bleuler, também psiquiatra, que já desenvolvia pesquisas extremamente importantes sobre a esquizofrenia. Através de suas experiências neste hospital psiquiátrico, Jung pôde realizar diversas investigações, inicialmente com intuito de esclarecer a respeito do funcionamento das doenças mentais, através de uma exploração do inconsciente (SILVEIRA, 1981), propondo um pensamento dialético, aberto a interpretações, refinamentos e amplificações (CLARKE, 1993).

Em seu percurso acadêmico e clínico, Jung compreendia que a psique era afetada e constituída não apenas pelos acontecimentos pessoais do passado em que a personalidade seria determinada apenas pelas experiências vividas durante os primeiros anos de vida. Além disso, pelas próprias metas, esperanças e aspirações futuras que poderiam ser modificadas ao longo da vida do indivíduo, uma vez que não há como compreender os eventos e comportamentos psicológicos sem passar pelos domínios da alma. Essa perspectiva tem relação com sua compreensão da dimensão psíquica do inconsciente (SILVEIRA, 1981)

O inconsciente na concepção junguiana é descrito como:

[...] conteúdos mentais que são inacessíveis ao ego [...], e também, como [...] um lugar psíquico com seu caráter, suas leis e funções próprias [...], entretanto, seus conteúdos não eram apenas o que foi reprimido por não ser

socialmente aceito, mas também [...] como um lugar central da atividade psicológica (SAMUELS; BANI; PLAUT, 1988, p. 104).

Ademais, na compreensão junguiana a respeito do inconsciente há duas dimensões do mesmo. A primeira, o inconsciente pessoal, que estaria um pouco “abaixo” da consciência contendo lembranças, impulsos, desejos, percepções e outras experiências da vida do indivíduo que foram suprimidas ou esquecidas que podem, com algum esforço, ser trazidas ao nível consciente. A segunda, em um nível mais “embaixo” do inconsciente pessoal, estaria o inconsciente coletivo – um substrato psíquico coletivo da humanidade. Nesse último estaria armazenado as experiências vinculadas às vivências universais da raça humana. (JUNG, 2017)

. Essa concepção de uma dimensão psíquica coletiva é específica da teoria de Jung. Esse autor afirma que o inconsciente coletivo é “[...] universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais.” (JUNG, 1978, p. 77)

Como corolário dessa instância psíquica coletiva, Jung postulou também a existência de arquétipos que seriam possibilidades herdadas de representações psíquicas semelhantes. Essas representações, chamadas de imagens arquetípicas, seriam as manifestações dos arquétipos e poderiam ser observadas em diversas manifestações psíquicas. (JUNG, 2014).

Os arquétipos e suas manifestações estão inseridos no inconsciente coletivo desde os primórdios da humanidade (SILVEIRA, 1981), eles consistem em determinantes naturais da vida mental que levam o indivíduo, em determinadas situações, a agir de modo semelhante aos ancestrais que enfrentaram situações similares. As experiências arquetípicas normalmente se concretizam na forma de emoções que se associam aos acontecimentos importantes da vida e do desenvolvimento do ser humano como nascimento, adolescência, casamento, morte e outras situações significativas.

Todavia, o que se observa é que o conceito de arquétipo por vezes não é bem compreendido. De acordo com Jung, esse conceito

[...] dá ensejo a muitos mal-entendidos e, por isso, presume-se ser de difícil compreensão – se dermos ouvidos à crítica negativa. [...] Meus críticos, com raras exceções, não procuram dar-se ao trabalho de ler o que venho dizendo, e atribuem-me, entre outras coisas, a opinião de que o arquétipo é uma idéia [sic] hereditária. Preconceitos parecem mais cômodos que a verdade (JUNG, 2012, p. 115)

De tantos mal-entendidos, Jung é enfático ao afirmar em distintos momentos que arquétipo

[...] naturalmente não se trata de idéias [sic] hereditárias, e sim de uma predisposição inata para a criação de fantasias paralelas, de estruturas idênticas, universais, da psique, que mais tarde chamei de inconsciente coletivo. Dei a estas estruturas o nome de arquétipos. Elas correspondem ao conceito biológico do “pattern of behavior”. (JUNG, 1986, p.145).

De acordo com Stein, indo além, instinto e arquétipo se interrelacionam:

No mapa de Jung, a psique é uma região que está localizada no espaço entre a pura matéria e o puro espírito, entre o corpo humano e a mente transcendente, entre o instinto e o arquétipo. [Essas imagens arquetípicas] [...] penetram na consciência sob a forma de intuições, visões, sonhos, percepções de impulsos instintivos, imagens, emoções e ideias. (STEIN, 2006, p. 96)

A concepção de arquétipo pode levar a pensar, equivocadamente, em uma dimensão metafísica ou transcendente. Distante disso, Jung forjou seu conceito ao investigar semelhantes manifestações artísticas, delírios, alucinações, sonhos de pacientes, conceitos filosóficos, mitologias, símbolos e rituais religiosos em diferentes culturas em tempos e espaços distintos (JUNG, 2014)

Apesar da perspectiva de Jung acerca dos arquétipos ser mais fenomenológica que causal infere, como já dito, que eles podem ser correlacionados às experiências significativas da humanidade.

Dessa forma, Jacobi resgata uma das possíveis etimologias da palavra arquétipo:

[...] “arque”, significa início, origem, causa e princípio, mas representa também a posição de um líder, de uma soberania e governo (portanto, uma espécie de “dominante”); a segunda parte “tipo”, significa batida e o que é produzida por ela, o cunhar de moedas, figura, imagem, retrato, prefiguração, modelo, ordem, norma [...] transferido ao seu sentido mais moderno é amostra, forma básica, estrutura primária (algo que jaz no “fundo” de uma série de indivíduos “parecidos”, quer sejam seres humanos, animais ou vegetais) (SCHMITT apud JACOBI, 1990, p.51-52)

Entre tantos arquétipos existentes o Self pode ser considerado de grande significado e importância pois afeta não só a integração como também diversos processos e aspectos da psique (JUNG, 1978). Justamente sobre esse arquétipo que se pretende discorrer⁷.

2. OS ASPECTOS MÚLTIPLOS E PARADOXAIS DO SELF

O se pode depreender é que mesmo o Self tendo grande relevância nos fenômenos psíquicos dentro da concepção junguiana da psique. Ele possui dificuldade de ser estabelecido objetiva e conceitualmente.

2.1 UM CONCEITO DE DIFÍCIL APROXIMAÇÃO

Uma das primeiras questões que se apresenta é uma diversidade de grafias e denominações relacionadas a um mesmo termo. Bonfatti (2007) aponta que há variações derivadas da palavra originária do alemão *Selbst* : *Self* vertido para o inglês, *si mesmo*, *Si mesmo*, *si-mesmo* e *Si-mesmo*. Essas variantes, talvez, nos apontem para percebermos a multiplicidade e paradoxalidade do conceito⁸.

Bonfatti (2007) aponta criticamente acerca da dificuldade conceitual de diversos termos ao longo da obra de Jung. Em relação ao conceito de Self, não vê de forma diferente pois Jung parecer transitar conceitual e epistemologicamente de forma diversa ao longo de sua obra.

Por outro lado, de acordo com Jung, seria apenas um nome para um fator psíquico empírico, porém, muitas vezes, incognoscível (JUNG, 1991b). Mais que isso, um conceito-limite que se manifesta através de um amplo simbolismo associado à totalidade. Desta forma, como se verá adiante, apesar de não aceitar que suas concepções possam ser questionadas por um viés filosófico, o Self é definido por Jung, *filosoficamente*, como um “conceito limite, algo como a ‘coisa-em-si’ de Kant” (JUNG, 1991b, p. 197).

O que se depreende da *coisa em si*, utilizada por Kant (KANT, 1994), é que ela

⁷ Para um maior aprofundamento acerca do conceito de arquétipo na teoria junguiana ver (BONFATTI; NOGUEIRA; TELLES; SOUSA, 2018).

⁸ Apesar da palavra Self já ser utilizada em outras linhas teóricas da psicologia, optou-se por utilizá-la também pelo fato de Si-mesmo ou si-mesmo em português causar certa confusão ao ser compreendida na língua portuguesa de uma forma auto reflexiva egoica.

[...] remete a algo que existe em si mesmo, diferentemente do fenômeno que se apresenta. É algo que não é passível de ser objeto de conhecimento científico, por ser inacessível ao conhecimento humano. Isso ocorre por encontrar-se numa instância que extrapola os limites das estruturas do próprio ato cognitivo (BONFATTI, 2007, p.83)

Ao longo da construção de sua concepção de Self, Jung explicitou a dificuldade na tentativa de uma definição mais precisa. Nesse sentido, fala de sua “obscuridade” (JUNG, 1991b, p.197), de sua incognoscência, seu aspecto paradoxal (JUNG, 1990, pp. 200, 260, 268), “absoluto” (JUNG, 1983, p.157), seu caráter “indefinível” e “indescritível” (JUNG, 1991b, p. 29-31). Enfim, um Self que é algo de difícil compreensão (JUNG, 2002, p. 350) por um viés exclusivamente racional.

Diante dessas dificuldades, Jung procurou sustentar e ratificar sua ideia de Self como algo empírico em diversos momentos de sua obra (JUNG, 1990; JUNG, 1991a).

Todavia, esse *limite epistemológico* traçado por Jung ao longo de seus textos parece ser afetado, quando o mesmo afirma que o Self, “na verdade”, seria um conceito “empírico em parte” (JUNG, 1991a, p.443).

Pelo que foi visto até então, o que se pode depreender é que a concepção de Self apresenta a dificuldade conceitual que Bonfatti (2007) problematiza nos escritos de Jung.

Esta situação se apresenta de forma mais evidenciada quando se aproxima das características do Self, apontadas por Jung, não só de indissociabilidade com a imagem de Deus (*imago dei*) (JUNG, 1990) (JUNG, 1983), como também de intangibilidade, inefabilidade, incomensurabilidade, incognoscibilidade (JUNG, 1991b), atemporalidade, incorruptibilidade, eternidade (JUNG, 2012) e transcendência (JUNG, 2002). O que chama a atenção é que essa ideia se baseia na perspectiva daquilo que Jung classificou de “empírico em parte” (JUNG, 1991a, p. 443).

Mesmo sendo algo também empírico, mas de complexa interface conceitual e epistemológica, Jung identifica o Self como uma “hipótese” ou “postulado” (JUNG, 1991a, p.443)

Numa passagem de **Aion**, Jung diz que o Self é um fator psíquico de que só se pode ter uma

[...] idéia [sic] satisfatória [...] a partir de uma experiência mais ou menos completa [...] [que] trata de *fatos* e [...] o chamado conceito, neste caso, não é mais do que uma descrição ou definição resumida desses fatos. [...] Não se trata do conceito, mas sim de uma palavra, de uma ficha de jogar que só tem importância e aplicação por representar a soma das experiências que, lamentavelmente [diz Jung], não posso transmitir aos meus leitores [...] Sempre que meu método é aplicado [, afirma Jung], descrição da natureza dessas experiências e o método de obtê-las], são confirmadas as minhas indicações referentes aos fatos. [E finaliza,] na época de Galileu qualquer um poderia ver as luas de Júpiter, se se desse ao trabalho de usar o telescópio por ele inventado. (JUNG, 1990, p. 61-64)

Infere-se que esse aspecto por vezes intangível, talvez se dê pelo fato do Self ser algo que transita nos campos da consciência e do inconsciente.

Nesse aspecto, Pieri aponta que o Self,

[...] denota o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos de um indivíduo. [...] de um lado, *reúne* os objetos da experiência e, portanto, os fenômenos da consciência e os conteúdos e os fatores conscientes, do outro *pressupõe* aquilo que ainda não se encontra no âmbito da consciência e, portanto, os conteúdos e os fatores do inconsciente, ou seja, os fenômenos daquela outra parte da psique que permanece ainda incognoscível e não delimitável. (PIERI, 2002, 462, grifo do autor)

Pieri (2002) ainda afirma que na literatura junguiana são muitos os usos do termo Self (que ele chama de Si-mesmo) e procura salientar as principais definições. Para esse autor, o Self se apresenta e se define

[...] como lei moral do indivíduo; [...] como estado psíquico, razão pela qual se fala de um contínuo e constante confronto com o Eu; [...] como estado psíquico que se produz dentro do processo psíquico; [...] como Eu objetivo; [...] como fator subjetivo, razão pela qual se fala de percepção intuitiva do *Selbst* e do mundo complexivo, e se verificam duas precisas antinomias; a primeira é a do *Selbst* /mundo e a segunda é a do Eu/ *Selbst* . [...]; como fundo da estrutura psíquica complexiva. [...] Como fato coletivo e universal e, contemporaneamente como o elemento psíquico mais estranho e externo à consciência; [...] como produto dos contínuos processos psíquicos de diferenciação e integração, ou seja, como resultado dos choques e novos confinamentos contínuos entre homem e o mundo; [...] como resíduo indeterminado de uma originária discriminação psíquica jamais completa, à qual seríamos remetidos se dentro do processo psíquico viesse a se tornar necessária uma redefinição de si próprio em relação ao outro diferente de si; [...] como processo de centração psíquica, complementar à tendência à decomposição psíquica das partes da psique; [...] coo símbolo da união tensional dos pares de opostos, razão pela qual se fala de uma conjunção não sintética dos opostos, e se é remetido a procedimentos lógicos e psicológicos de tipo antinômico e paradoxal. (PIERI, 2002, p. 462).

Numa tentativa de definição amadurecida diante tantas possibilidades teóricas e conceituais acerca do Self Jung, em 1958, acrescentou uma definição sobre o Self que não estava nas oito edições anteriores do livro **Tipos Psicológicos** (JUNG, 1991a) publicado inicialmente em 1921.

No prefácio da nona edição desse livro publicado em 1960, seus editores escrevem que no

[...] último capítulo, Jung dedicou-se às definições dos conceitos psicológicos mais usados. Contém uma definição de *Selbst* (si-mesmo) que o autor formulou para este volume e que, nas edições anteriores, ainda configurava sob o conceito de *Eu*⁹. Mas o conceito assumiu importância tão central na obra de Jung que foi necessário dar-lhe definição própria. (JUNG, 1991a, p. 15)

Nessa busca de uma definição, em relação à questão da experiência, Jung afirma, como já sinalizado aqui, que o Self é um “conceito empírico” que denomina “[...] o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global” (JUNG, 1991a, p. 442).

Por conter a consciência e o inconsciente, sua perspectiva empírica é parcial. Pois, “[...] engloba o experimentável e o não-experimentável, respectivamente o ainda não experimentado.” (JUNG, 1991a, p. 443).

Assim, sua dimensão psicológica transcendente reside nessa composição dupla que resulta numa entidade psicológica “[...] que só pode ser descrita em parte e que, de outra parte, continua irreconhecível e indimensionável.” (JUNG, 1991a, p. 443).

2.2 REPRESENTAÇÕES DO SELF

Análogo às distintas funções ou definições apontadas, encontra-se representações diversas do Self. Uma das representações mais salientadas são as de totalidade e de centralidade.

Jung entende o Self como arquétipo central da ordem e da totalidade em que consciente e inconsciente formariam essa totalidade (JUNG, 1978). Na mesma

⁹ Aqui, mais uma vez, depara-se com as dificuldades de uma aproximação conceitual mais clara e precisa dentro da obra de Jung como sinaliza Bonfatti. Esse último autor problematiza essa questão não só relacionada ao Self, mas também aos conceitos de Arquétipo e Inconsciente coletivo (BONFATTI, 2007).

direção de raciocínio, também Von Franz descreve o Self como centro organizador de onde parte a ação reguladora do sistema psíquico. Sua ação remete às características de invenção, ordenação ou fonte de imagens oníricas. Ainda segundo essa autora, há um aparente paradoxo estrutural e dinâmico do Self ser o núcleo e ao mesmo tempo a totalidade psíquica se distinguindo consideravelmente do Ego (FRANZ, 2017).

Franz ainda aponta o Self como fator de orientação íntima, se distinguindo da personalidade consciente, no qual a possível apreensão dos conteúdos informativos pode se dar por via de fantasia, visões e dos sonhos de cada pessoa. Caso o Ego se atente a essas orientações e mensagens, elas irão auxiliar naquilo que se chamou de processo de individuação – que seria um processo de crescimento psíquico¹⁰. Nesse processo, o ego continuaria sendo o centro da consciência, mas não o centro da personalidade que seria, então, o Self (FRANZ, 2017).

De acordo com Samuels, Bani e Plaut “[...] o Self é o centro dessa totalidade, como o ego é o centro da mente consciente, portanto o relacionamento ego-Self é um processo incessante (SAMUELS; BANI; PLAUT, 1988, p.193).

Diante desses aspectos, Jung aponta que essa perspectiva de ser a totalidade e, ao mesmo tempo, ser um centro ordenador e norteador é muitas vezes observado nas representações da imagem de Deus (*imago dei*) (JUNG, 1983), especialmente nos sistemas monoteístas (BONFATTI, 2000a).

Cumpra aqui fazer um esclarecimento, pois essa perspectiva causa certa confusão aos incautos que fazem recortes descontextualizados da Psicologia analítica apesar de Jung ser taxativo:

Tenho sido acusado diretamente de alimentar tendências “filosóficas” (ou mesmo “teológicas”), querendo-se dizer com isso que eu pretendo explicar cada coisa “filosoficamente, e que minhas concepções filosóficas são “metafísicas”. Se eu utilizo certos materiais filosóficos, religiosos ou históricos, é tão somente com a finalidade de apresentar as conexões psíquicas. Se, neste contexto, emprego o termo e conceito de Deus ou a noção, também metafísica [...] é porque se trata de imagens que existem na alma humana desde os seus primórdios. (JUNG, 2013, p. 231, grifo do autor)

¹⁰ Individuação seria “[...] uma pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível, e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva [...]. Este é um conceito chave na contribuição de Jung para as teorias do desenvolvimento da personalidade. Como tal, está inextricavelmente entrelaçado com outros, sobretudo Self [...]. O termo ‘individuação’ foi adotado por Jung através do filósofo Schopenhauer, porém, reporta-se a Gerard Dorn, um alquimista do século XVI.” (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 107-108)

Assim do ponto de vista psicológico, Jung entende a realidade de Deus “[...] como um símbolo unificador e transcendente capaz de reunir fragmentos psíquicos heterogêneos ou unir opostos polarizados.” (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 98). Opostos psíquicos esses que apontam para o Self enquanto uma totalidade psíquica.

Em outra passagem Jung é mais enfático em uma necessária delimitação epistemológica:

É por causa, naturalmente, da eterna confusão entre objeto e imago que não se pode fazer uma distinção entre “Deus” e “imago de Deus”, e, por isto, pensa-se que, ao falarmos da “imagem de Deus”, referimo-nos ao próprio Deus e o interpretamos em sentido “teológico”. Não cabe à Psicologia enquanto ciência, supor uma hipostasiação da imago de Deus. Deve, porém, respeitando os fatos, contar com a existência de uma imagem de Deus. [...] Também é claro que a imagem de Deus, por exemplo, corresponde a um determinado complexo de fatos psicológicos e representa, assim, uma dada grandeza com a qual podemos operar. Mas saber o que Deus é em si mesmo constitui um problema que foge à competência de qualquer psicologia. *Lamento ter que repetir semelhantes evidências* (JUNG, 2013, p. 231-232, grifo nosso)

Compreende-se assim que as religiões são psicologicamente criações humanas e o Self por conter os opostos, ser o centro e a totalidade psíquica responsável por todos os processos psíquicos (BONFATTI, 2000a) “[...] é uma base psicológica para a concepção de Deus. Deus se serve dela (base psicológica) como seu veículo (e) a Psicologia pode averiguar esta base. Para além disso, é a Teologia que tem a palavra” (JUNG, 1985, p. 274)¹¹.

Outras representações do Self ligadas ao aspecto de ser um centro e uma totalidade são observadas e, se tratando de possíveis imagens ligadas ao Self percebe-se que essas imagens são profundas.

Jung diz que empiricamente o Self aparece

[...] em sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de “personalidades superiores” como reis, heróis, profetas, salvadores etc. ou na figura de símbolos de totalidade como o círculo, o quadrilátero, a *quadratura circuli* (quadratura do círculo), a cruz etc. Enquanto representa uma *complexio*

¹¹ Bonfatti (2000a) problematiza que psicologicamente a visão unilateral de uma divindade judaico-cristã luminosa, espiritual, masculina e boa seria incompleta do ponto de vista da totalidade do Self. Faltar-lhe-ia os aspectos sombrios, telúricos, femininos e maléficos para ser de fato uma totalidade. Dessa forma, uma representação mais adequada do Self seria a união das representações psicológicas de Deus e o Diabo. Em outra obra, Bonfatti (2000b) ainda problematiza sobre a questão do mal não só como realidade psíquica mas também como complexo cultural brasileiro em religiões neopentecostais.

oppositorum, uma união dos opostos, também pode manifestar-se como dualidade unificada, como por exemplo, o tao, onde concorrem o yang e o yin, como irmão em litígio, ou como o herói e seu rival (dragão, irmão inimigo, aqui-inimigo, Fausto e Mefisto etc.).(JUNG, 1991a, p.443)

Mais adiante Jung continua afirmando que o Self “[...] aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que entendido como totalidade e, por isso, como unidade em que se une os opostos. Já que este conceito não é explícito - *tertium non datur* – também é transcendente por esta mesma razão.” (JUNG, 1991a, p.443)

Sem ter a pretensão de esgotar suas várias representações, observa-se imagens com estruturas geométricas como o círculo, o quadrado ou a estrela. Essas formas aparecem em sonhos normalmente sem chamar a atenção para si, entretanto, trazem recursos o bastante para mobilizar a consciência do eu como pessoas sentadas em volta de uma mesa redonda, quatro objetos dispostos num ambiente quadrado, a planta de uma cidade em forma de estrela (STEIN, 2006)

Neste grupo, os números ganham importância, especialmente o número quatro e seus múltiplos porque remetem a estrutura da quaternidade. Para Jung, a tríade é um estado transicional para a quaternidade, ou seja, é uma expressão parcial ou incompleta do Self¹² (STEIN, 2006). Jung diz que

[...] mesmo o conceito filosófico ou matemático mais rigorosamente definido, que sabemos só conter aquilo o que nele colocamos, ainda é mais do que pressupomos. É um acontecimento psíquico e, como tal, parcialmente desconhecido. Os próprios algarismos usados para contar são mais do que julgamos ser: são, ao mesmo tempo, elementos mitológicos [...]. (JUNG, 2017, p. 47).

As imagens orgânicas bem como as inorgânicas fazem parte das múltiplas representações que podem obter presença simbólica para expressar a atuação do Self. No primeiro grupo, pode-se destacar entre muitas outras imagens as árvores e flores. Já no segundo grupo, destaca-se imagens de lagos e montanhas. (STEIN, 2006) (JUNG, 1991b).

Outras imagens que ganham distinção de representação são as pedras preciosas como diamantes e safiras, gemas que obtêm uma apreciação significativa.

¹² O que reforça a problematização feita por Bonfatti (2000a) sobre a imagem psicológica trinitária da *imago dei* no cristianismo. Pois o que se observa é que o Self se manifesta em representações quaternárias. Para um maior aprofundamento dessa questão ver o texto de Jung “Tentativa de uma interpretação psicológica do dogma da Trindade” (JUNG, 1983).

E, similarmente as imagens dos castelos, igrejas, vasos e recipientes. E, a notória imagem da roda. Especialmente, aquelas que se apresentam com um centro e raios que são traçados do centro para fora e, enfim, formando um aro circular (STEIN, 2006) ou espiral (JUNG, 1991b).

Visto que o Self pode se representar também de figuras humanas, essas surgem consideradas com uma elevada maturidade psíquica envolvendo a consciência do Ego. Tais imagens como os pais, tios, príncipe, princesa, rei, rainha. Sendo que os paradoxos são bem característicos do Self como o masculino e feminino, velho e criança, poderoso e indefeso, grande e pequeno (STEIN, 2006). (JUNG, 1991b).

Outra representação de experiência do Self seria de numinosidade. O que se pode depreender é que termo *numinoso* “[...] ocorre na psicologia analítica como sinônimo de *fascinosum* para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito [...]” (PIERI, 2002, p. 347). De acordo com Bonfatti (2007), na maioria das vezes, a categoria de *numinoso* é a experiência que a consciência tem do inconsciente.

Segundo Jung, seria “[...] uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. (JUNG, 1983, p.3)

De acordo com Jung, o Self também se apresenta numinosamente fascinante e impactante.

[...] não é uma idéia [sic] filosófica já que não afirma sua própria existência, isto é, não se hipostasia. Intelectualmente significa apenas uma hipótese. Mas seus símbolos empíricos possuem muitas vezes significativa *numinosidade* (por exemplo, o mandala), isto é, um valor apriorístico (por exemplo, “Deus é círculo...”, a tetraktys pitagórica, a quaternidade etc.), demonstrando, pois, ser uma *representação arquetípica* que se distingue de outras representações do gênero por assumir uma posição central correspondente à importância de seu conteúdo e numinosidade. (JUNG, 1991 a, p. 443 grifo do autor)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se tentou explicitar nesse brevíssimo texto sobre o Self na Psicologia analítica de Carl Gustav Jung, foi tentar realizar uma formulação mais sistematizada de uma ideia de difícil aproximação conceitual.

Nesse sentido, observou-se que o Self, vinculado diretamente ao conceito de arquétipo e inconsciente coletivo, tem em sua estrutura e dinâmica psíquica aspectos paradoxais por engendrar todos os processos psíquicos. Pois, ao mesmo tempo em que é uma meta a ser buscada, é o centro e o todo da esfera psíquica que contém os opostos.

Metaforicamente, é o arquétipo central de uma psique que não está vinculada aos conceitos nem de tempo e nem de espaço.

Além de poder ser compreendido com as qualidades atribuídas à *imago dei* ele se manifesta em múltiplas representações ligadas à individuação numa perspectiva não só totalizadora, e por vezes numinosa, como também agregadora de opostos, organizadora, orientadora, central e nuclear. Aspectos que podem também ser representados em manifestações simbólicas oníricas, geométricas e religiosas.

Diante de uma concepção de Self com tantas variações e possibilidades, não se teve a pretensão de esgotá-lo em seu conceito, significado, estrutura e dinâmica. Mas sim, fazer uma aproximação inicial e trazer possibilidades de problematizações a partir de um grupo de Estudos que se dispõe a aprofundar na psicologia de Jung.

REFERÊNCIAS:

BONFATTI, P. A questão do mal: uma abordagem psicológica junguiana. **Rhema**, Juiz de Fora, v. 6, n. 22, 2000a. p.69-98.

BONFATTI, P. **A expressão popular do sagrado**: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo, Paulinas. (coleção Religião e cultura).

BONFATTI, P. **Uma psicologia sine tempore**: uma análise das concepções de arquétipo, inconsciente coletivo e si-mesmo na teoria de Carl Gustav Jung. 2007. 119 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - PUC/Rio, Rio de Janeiro, 2007.

BONFATTI, P., NOGUEIRA, C. C. C., TELLES, K. M. T., SOUSA, M. A. C.. Acerca do conceito de arquétipo na Psicologia Analítica: breves considerações. **Analecta**, 4(4), 533- 548. 2018. Disponível em de <https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/1793/1138>. Acesso em 15 set. 2020.

CLARKE, J.J. **Em busca de Jung**: indagações históricas e filosóficas. Tradução de Ruy Jungmann. Ediouro, 1993.

FRANZ, M-L. von. O processo de individuação. In. JUNG, C.G. (concepção e organização). **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha (Obra completa de C. G. Jung, volume VIII/2) Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Cartas II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva (Obra completa de C. G. Jung, volume IX/1) Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Vida simbólica II**. Tradução de Edgar Orth com a revisão técnica de Jette Bonaventure (Obra completa de C. G. Jung, volume XVIII/2) Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis**: Pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. Com a colaboração de Marie-Louise von Franz; Tradução de Waldemar do Amaral; revisão literária Orlando dos Reis; revisão técnica Jette Bonaventure. (Obra completa de C. G. Jung, volume XIV/2). Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth (Obra completa de C. G. Jung, volume VI). Petrópolis: Vozes, 1991a.

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. Tradução de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva; revisão técnica, Jette Bonaventure. (Obra completa de C. G. Jung, volume XII). Petrópolis: Vozes, 1991b.

JUNG, C. G. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva (Obra completa de C. G. Jung, volume XI). Petrópolis: Vozes, 1983.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Tradução de Eva Stern; revisão técnica de Jette Bonaventure (Obra completa de C. G. Jung, volume V). Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C. G. **Aion**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha (Obra completa de C. G. Jung, volume IX/2). Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. Chegando ao Inconsciente. In. JUNG, C.G. (concepção e organização). Tradução de Maria Lúcia Pinho. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

JUNG, C. G. **Estudos sobre psicologia analítica**. Tradução de Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva (Obra completa de C. G. Jung, volume VII). Petrópolis: Vozes, 1978.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mourão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

PIERI, P. **Dicionário junguiano**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

SAMUELS, A. SHORTER, B. PLAUT, F. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Tradução de Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

STEIN, M. **Jung**: o Mapa da Alma – Uma introdução. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.